



Territórios e Convergência Real: a Região do Norte no contexto nacional e da União Europeia

Rui Monteiro e Vasco Leite

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento
Regional do Norte



Estrutura da apresentação

1. *Territórios e convergência real no contexto da UE 28*
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. *Convergência nominal no espaço nacional*
4. *Convergência real no espaço nacional*
5. *Produtividade e emprego no espaço nacional*
6. *Conclusão*

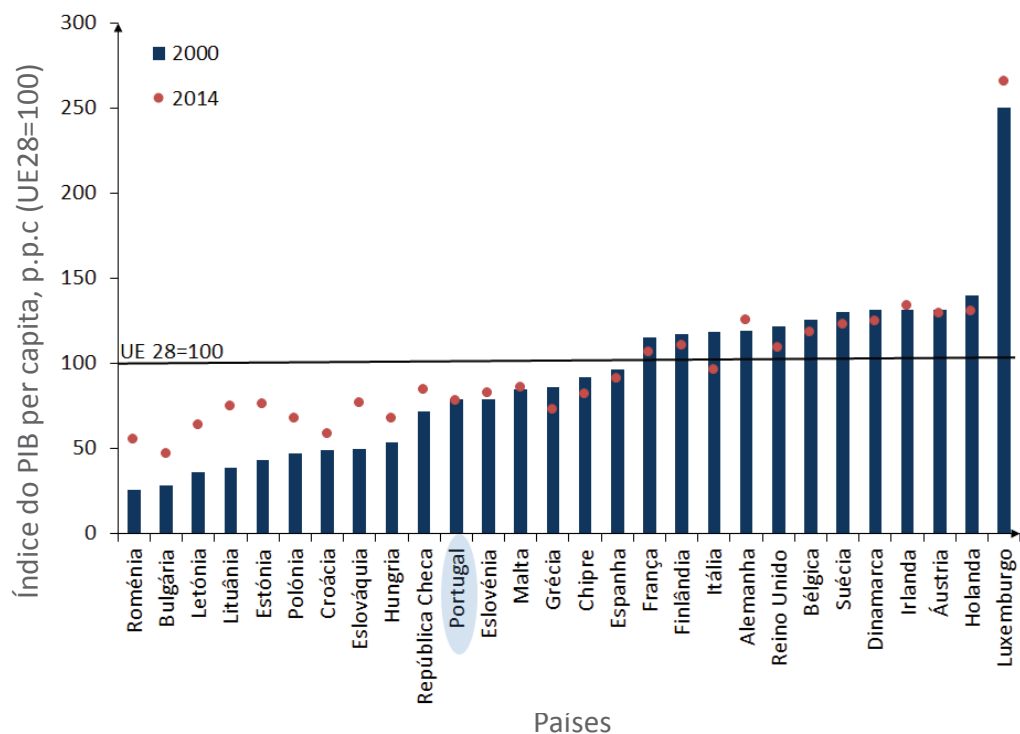


Estrutura da apresentação

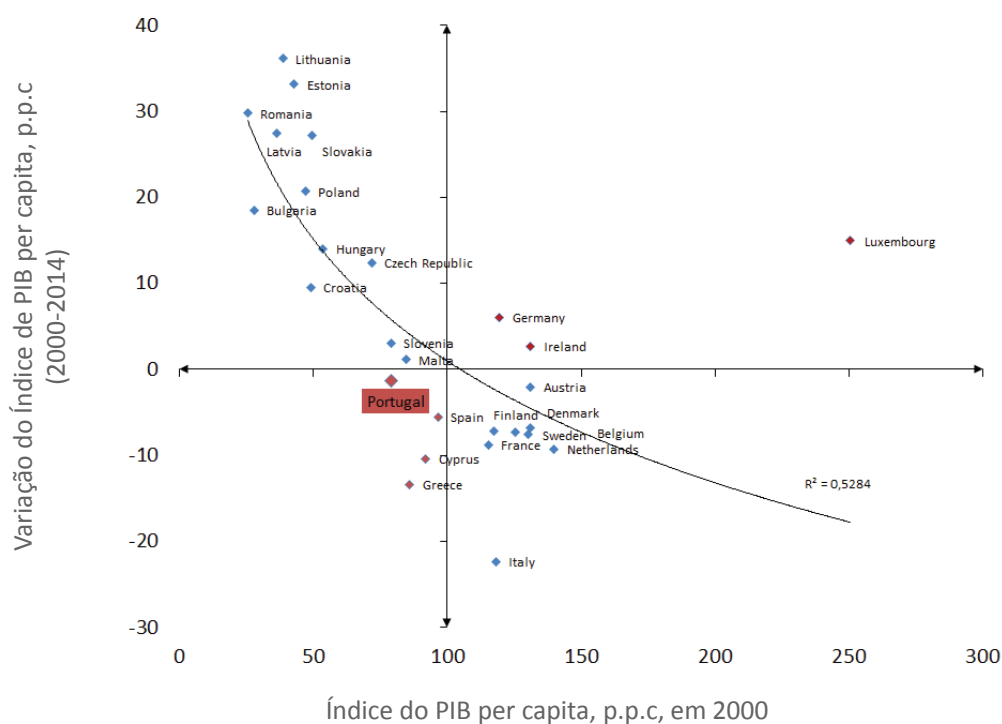
1. ***Territórios e convergência real no contexto da UE 28***
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. *Convergência nominal no espaço nacional*
4. *Convergência real no espaço nacional*
5. *Produtividade e emprego no espaço nacional*
6. *Conclusão*



Convergência entre os países da Europa (EU 28)

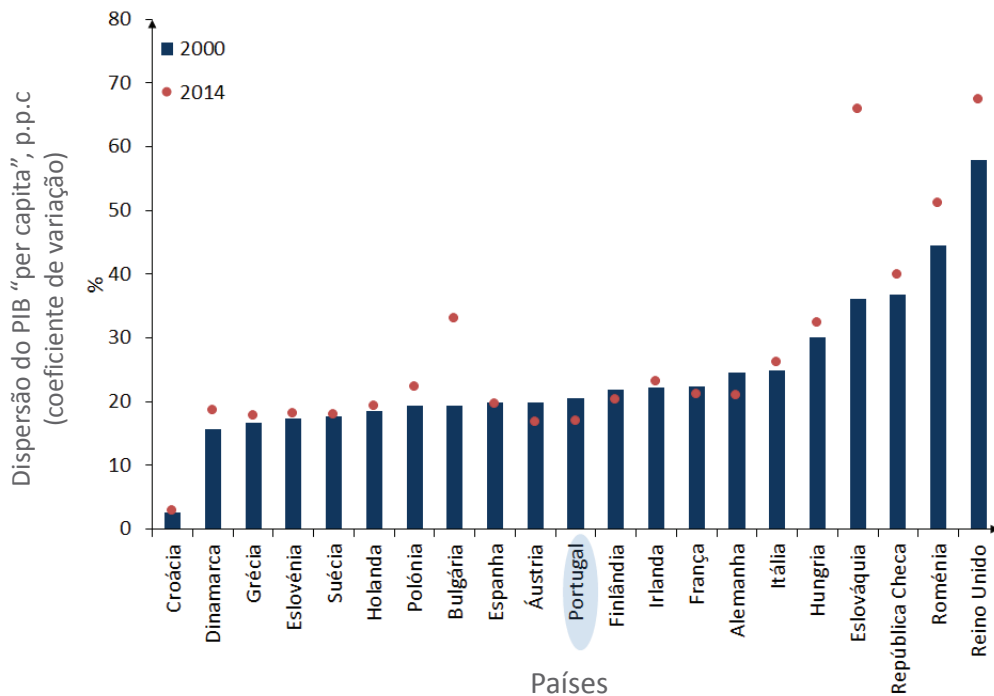


Crescimento e convergência real na Europa (UE 28)



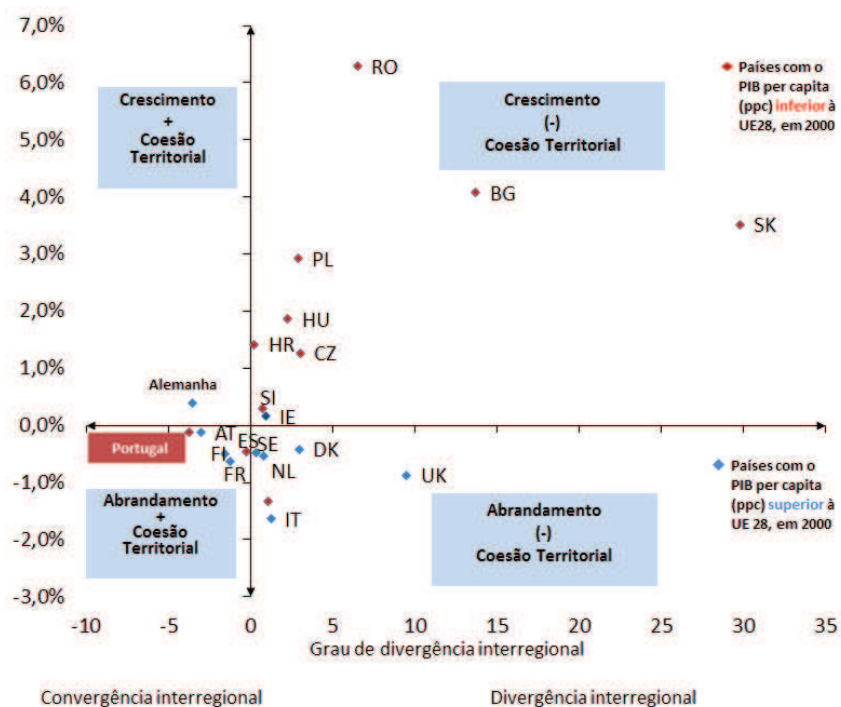


Evolução das assimetrias regionais (UE 28)



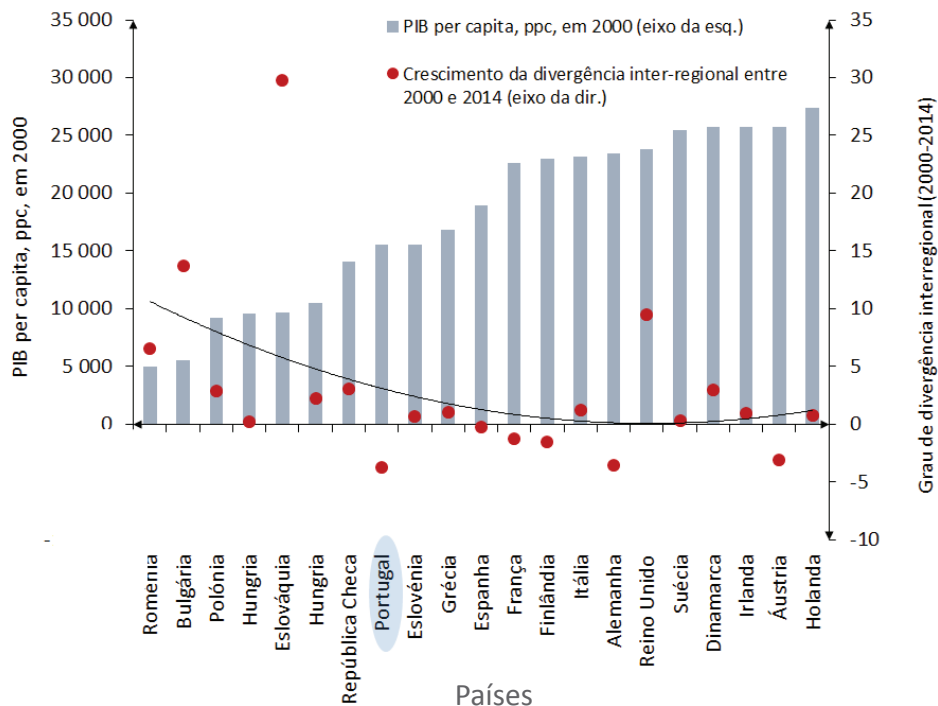
Crescimento económico e assimetrias regionais (UE 28)

Diferencial
entre a
taxa de
crescimento do
PIB per capita
dos países (PPC)
e a média da
UE28
(2000-2014)





Assimetrias regionais e estádios de desenvolvimento (UE 28)



Estrutura da apresentação

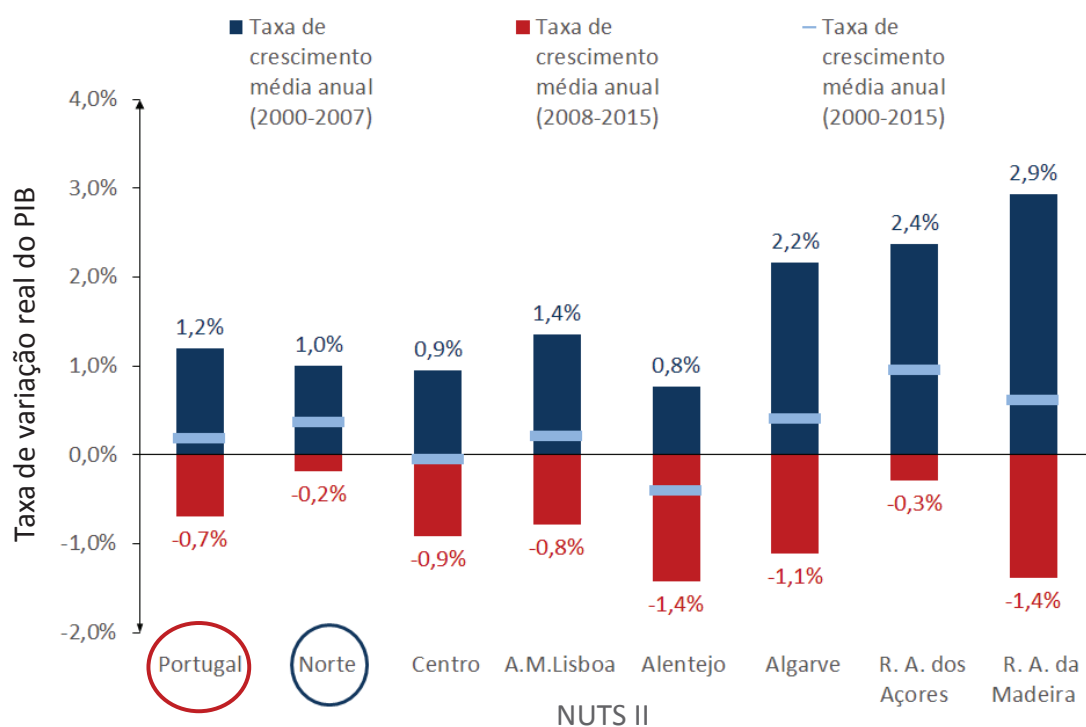
1. Territórios e convergência real no contexto da UE 28
2. **Crescimento económico no espaço nacional**
3. Convergência nominal no espaço nacional
4. Convergência real no espaço nacional
5. Produtividade e emprego no espaço nacional
6. Conclusão



Crescimento económico no contexto europeu

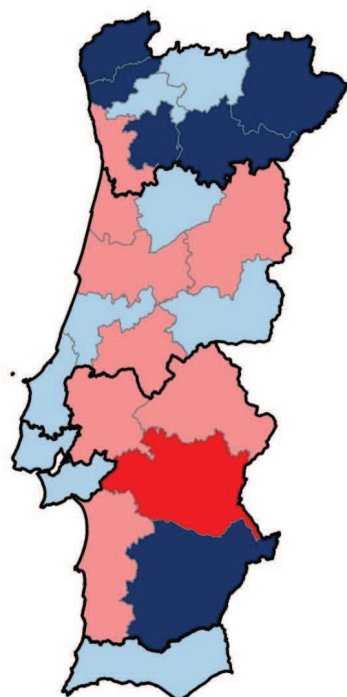


Crescimento económico por NUTS II

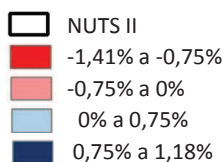




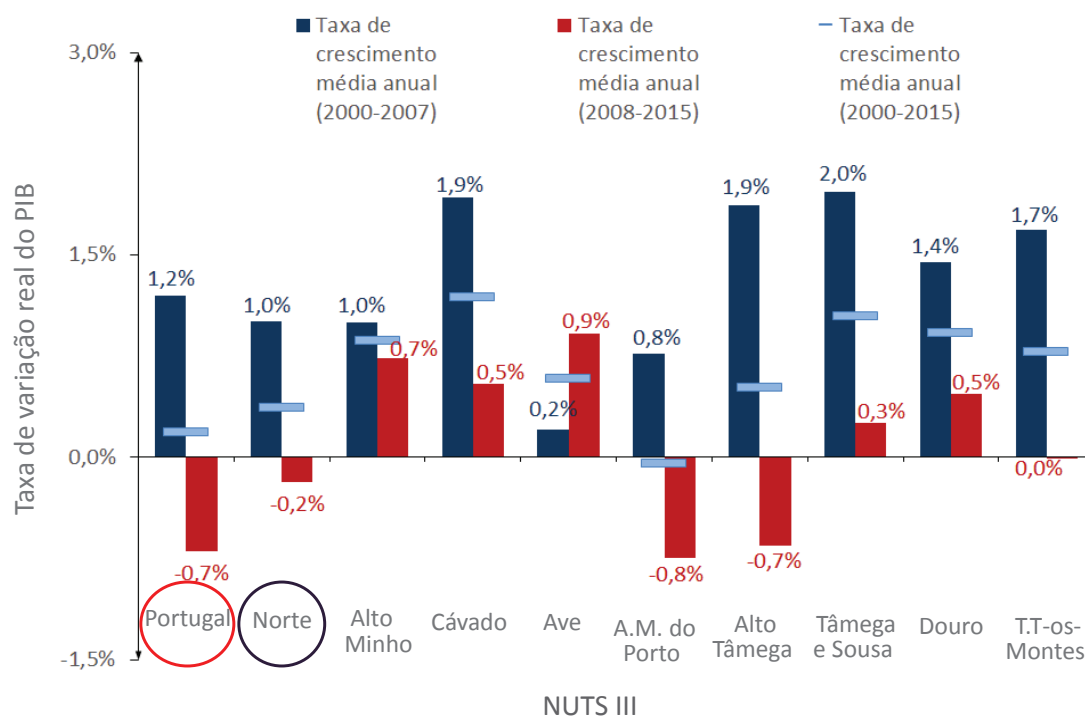
Crescimento económico por NUTS III – Portugal



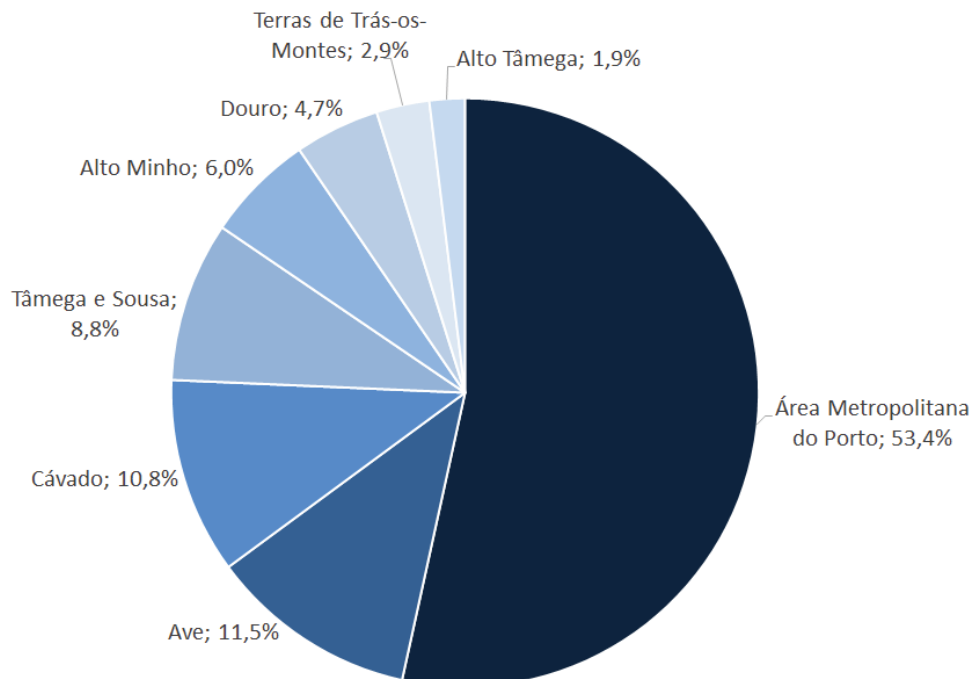
Taxa de crescimento do PIB real
média anual (2000-2015)



Crescimento económico por NUTS III – Região do Norte



Contributo das NUTSIII da Região do Norte para o PIB

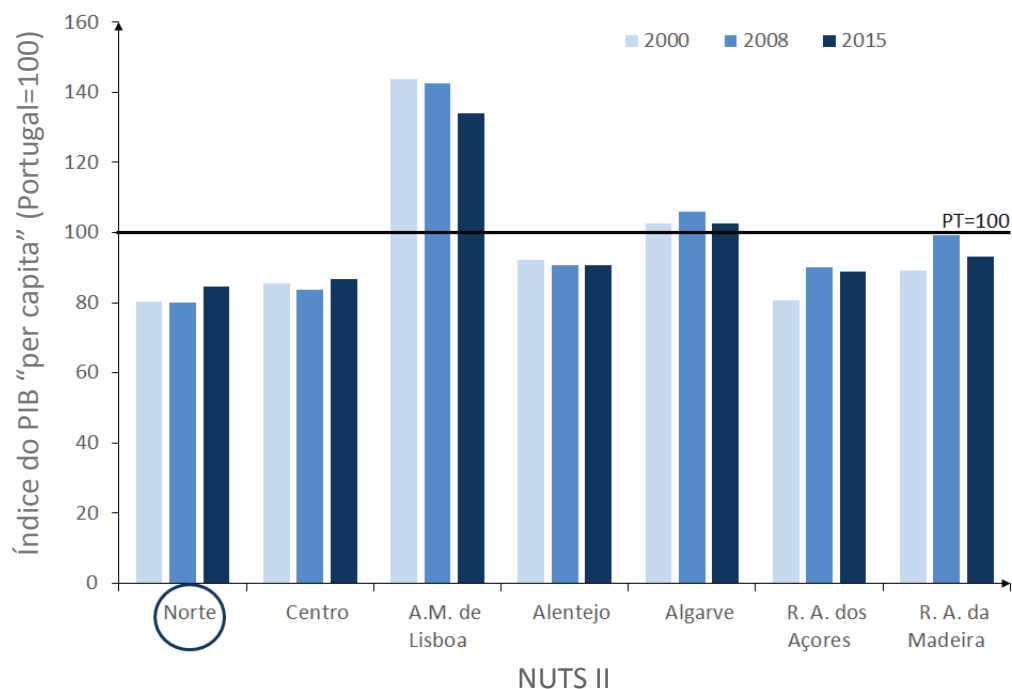


Estrutura da apresentação

1. *Territórios e convergência real no contexto da UE 28*
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. **Convergência nominal no espaço nacional**
4. *Convergência real no espaço nacional*
5. *Produtividade e emprego no espaço nacional*
6. *Conclusão*



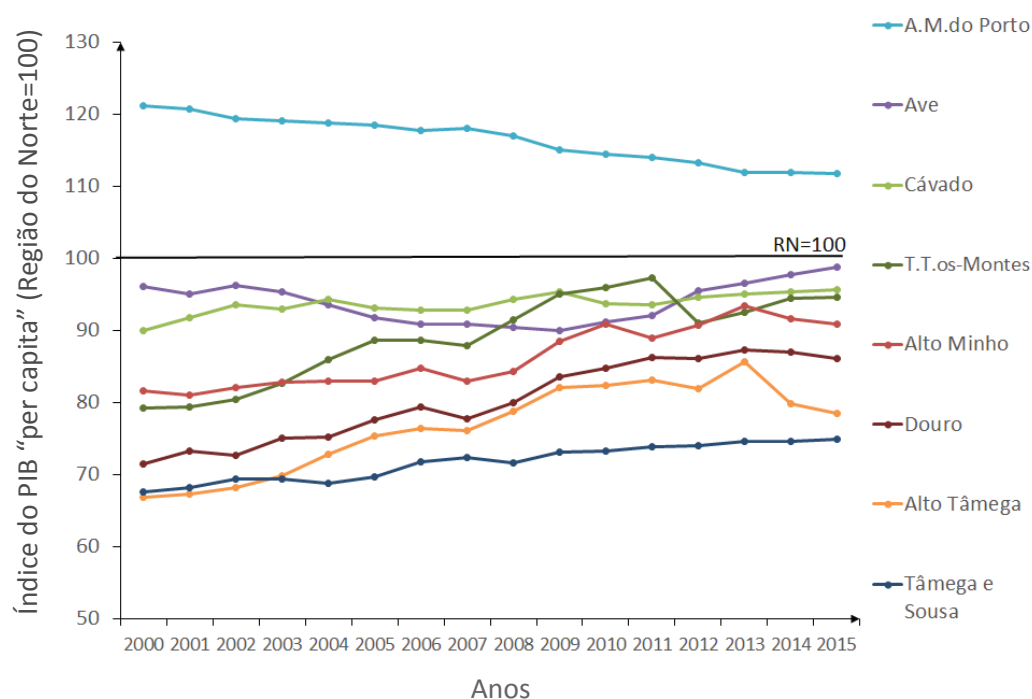
PIB “per capita” das NUTS II face a Portugal



3 Abril | April 2017 | Fundação de Serralves, Porto



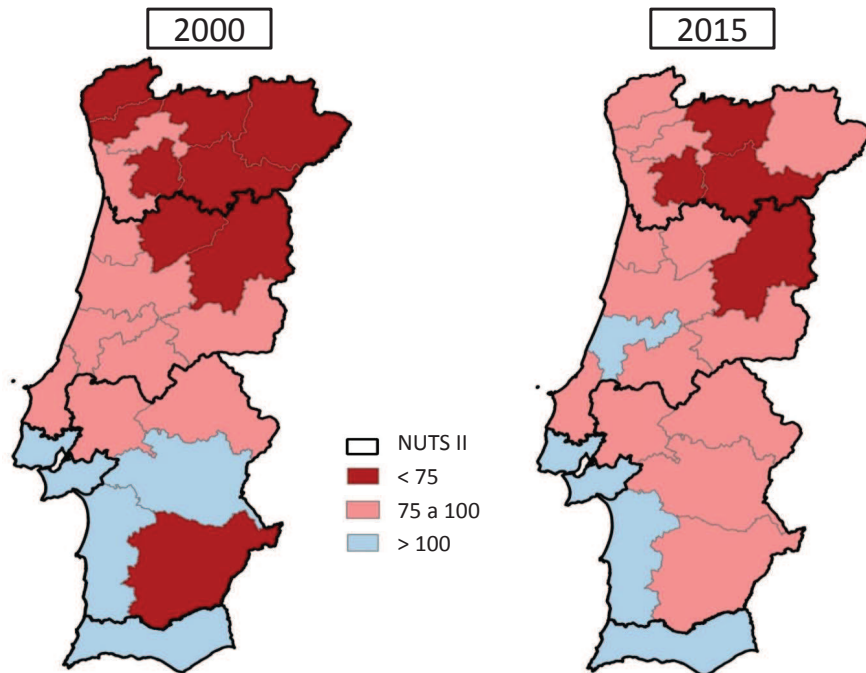
PIB “per capita” das NUTS III face à Região do Norte



3 Abril | April 2017 | Fundação de Serralves, Porto

PIB “per capita” das NUTS III face a Portugal

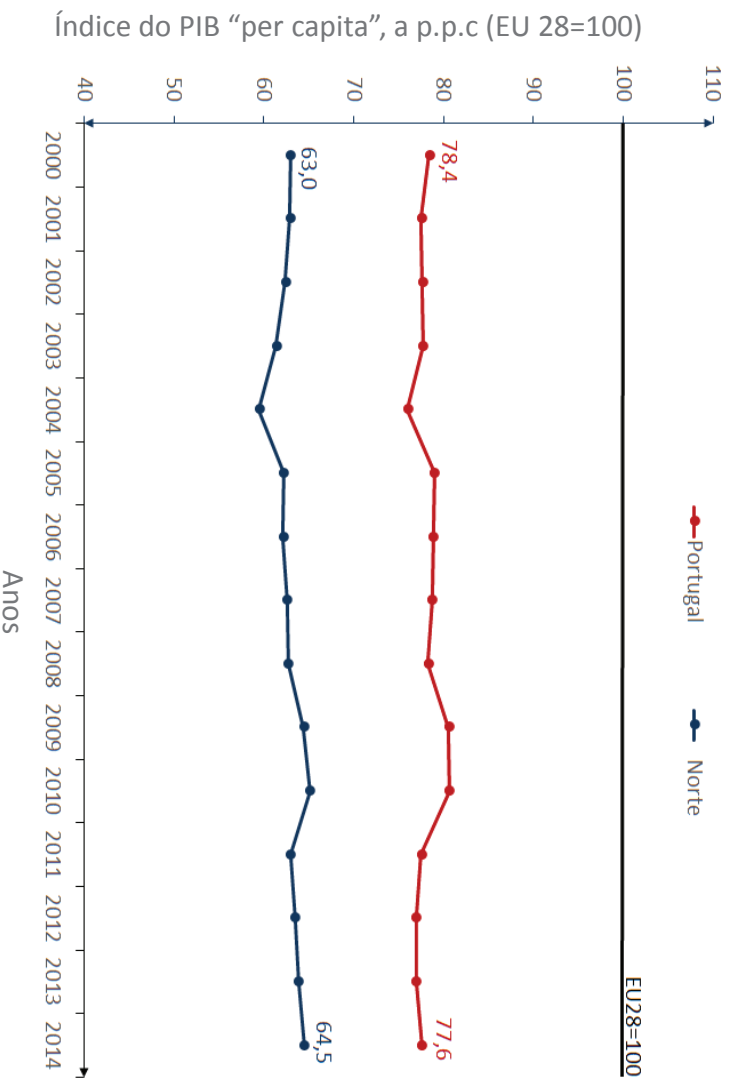
Índice do PIB “per capita” (PT=100)



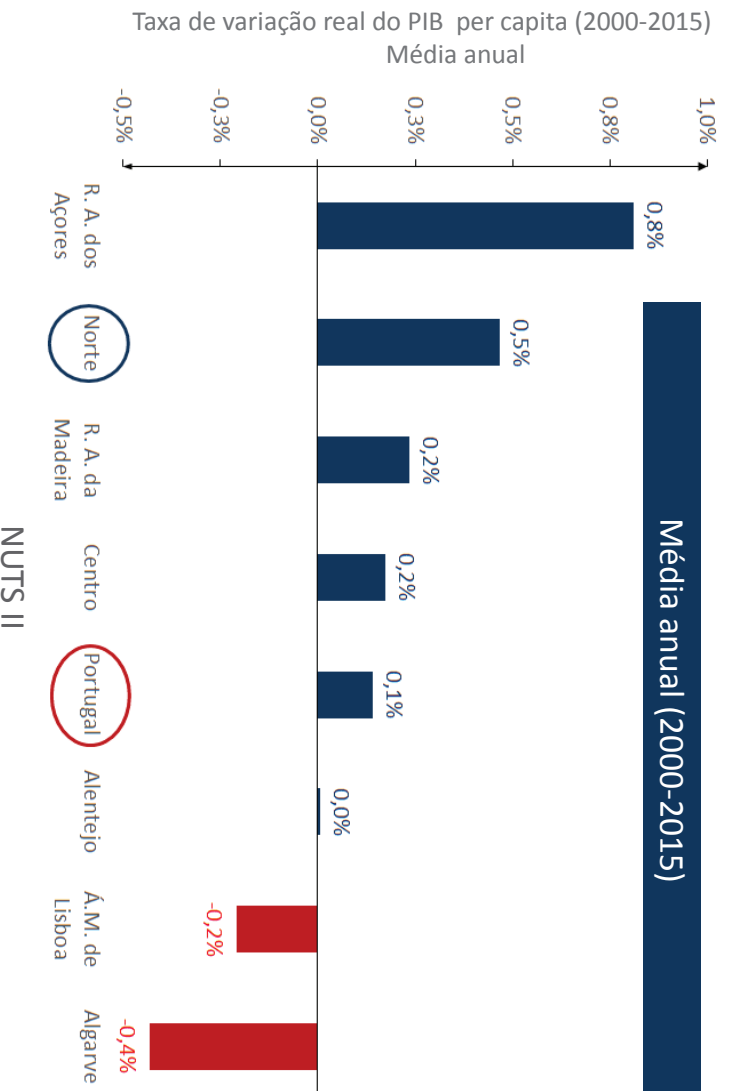
Estrutura da apresentação

1. *Territórios e convergência real no contexto da UE 28*
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. *Convergência nominal no espaço nacional*
4. **Convergência real no espaço nacional**
5. *Produtividade e emprego no espaço nacional*
6. *Conclusão*

Convergência real no contexto europeu

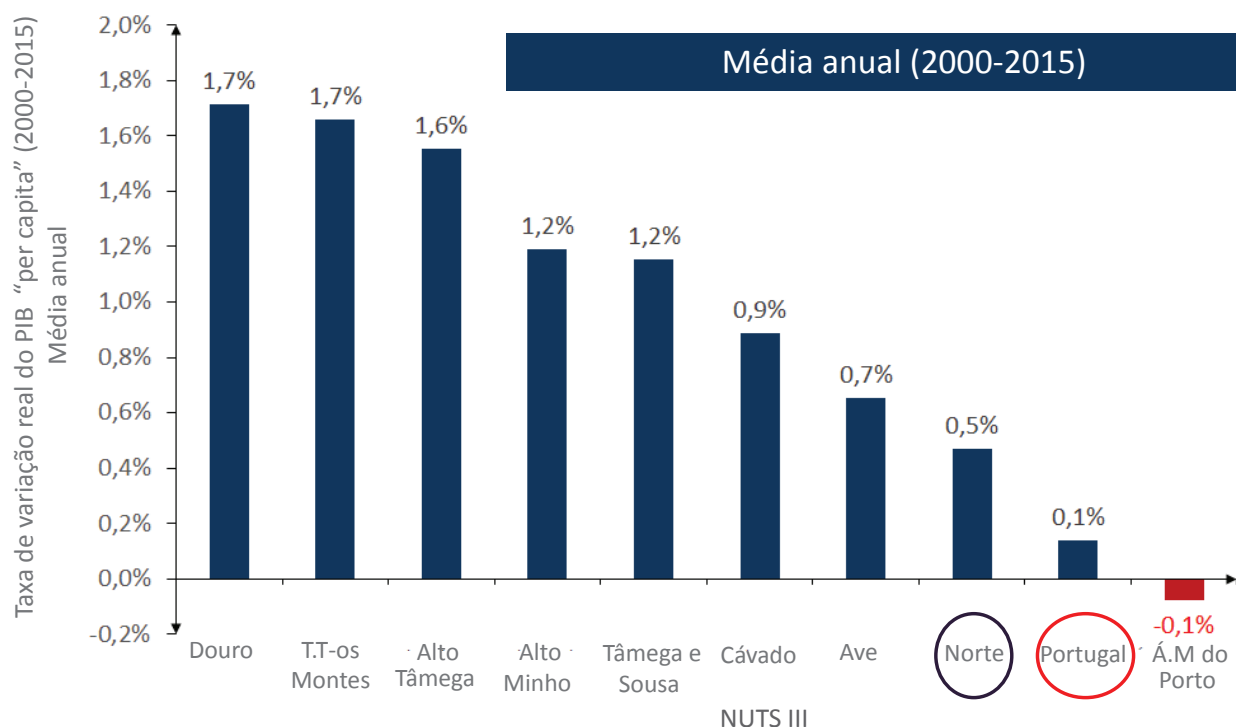


Crescimento do PIB “per capita” real – NUTS II

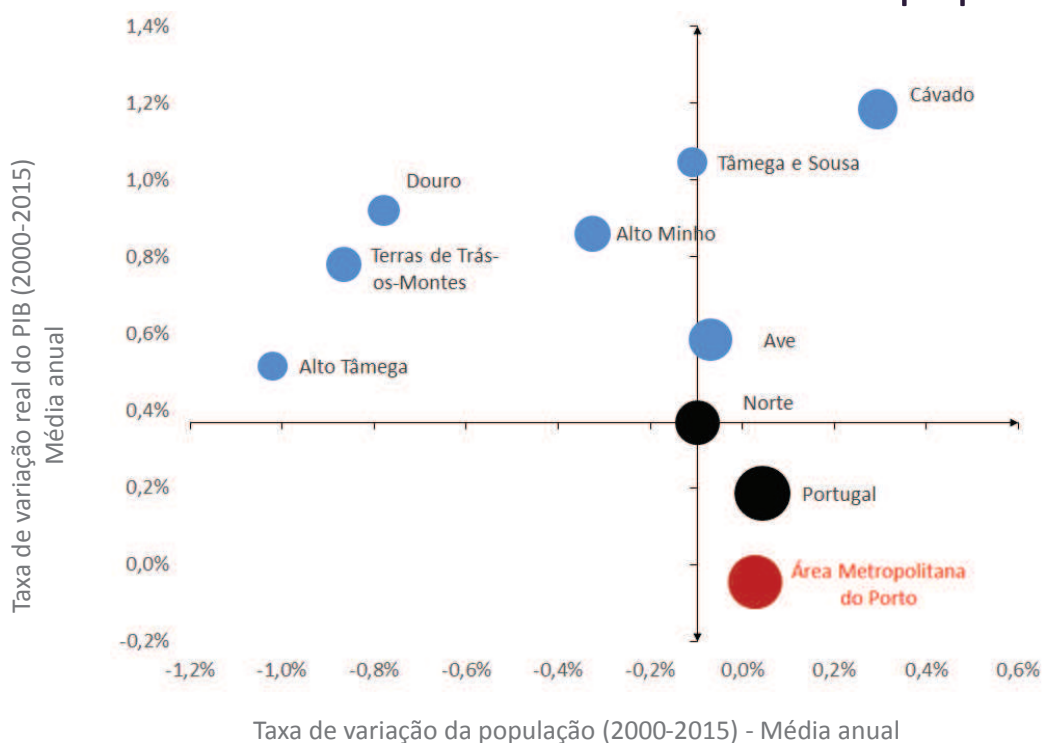




Crescimento do PIB “per capita” real – NUTS III Norte

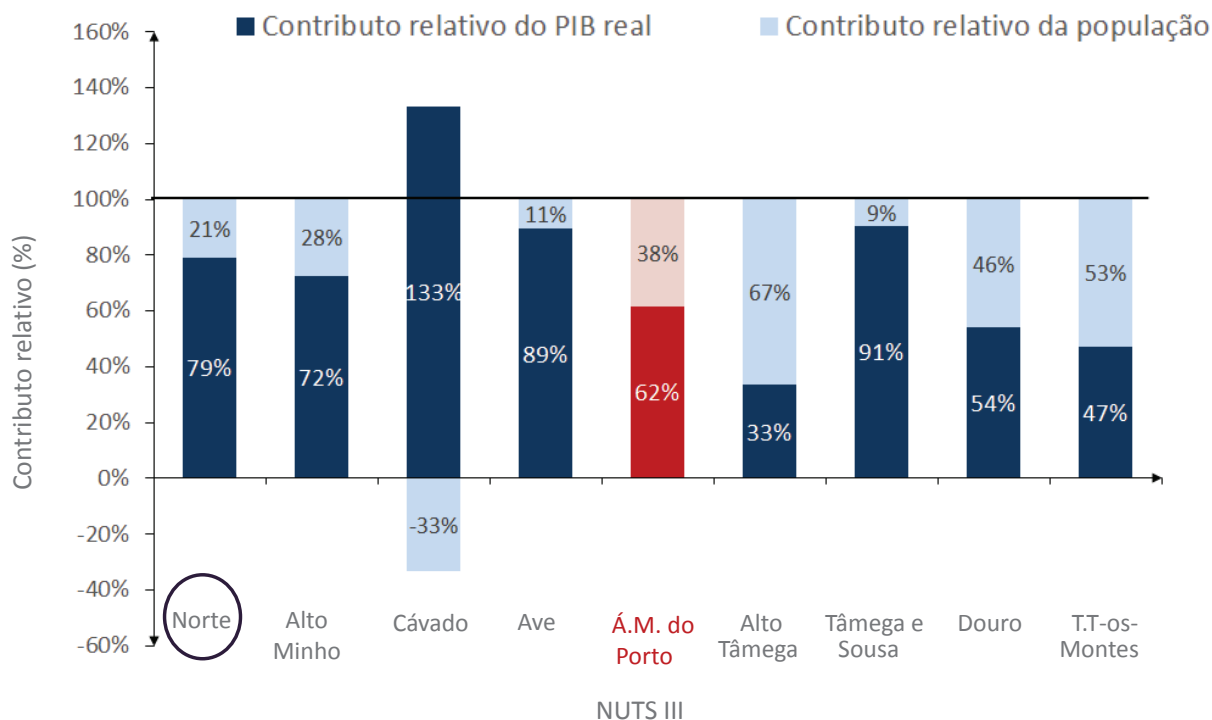


Crescimento económico vs crescimento populacional

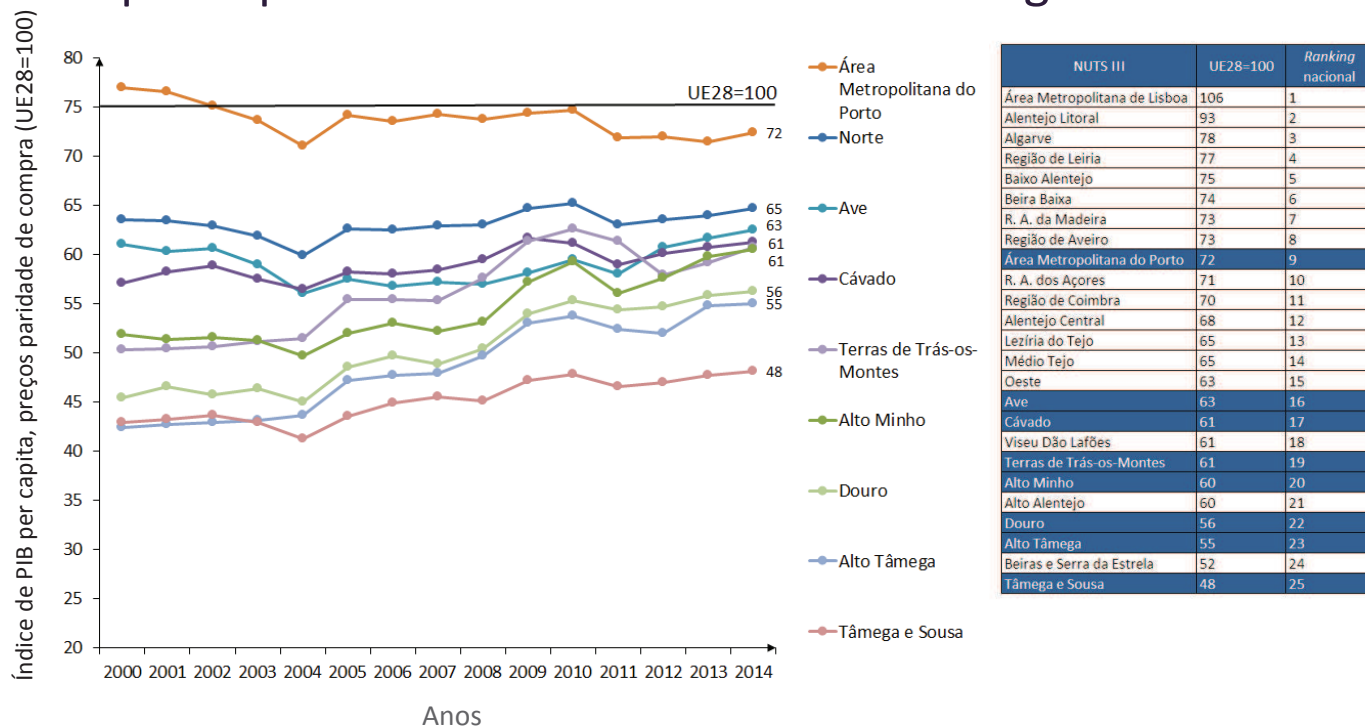




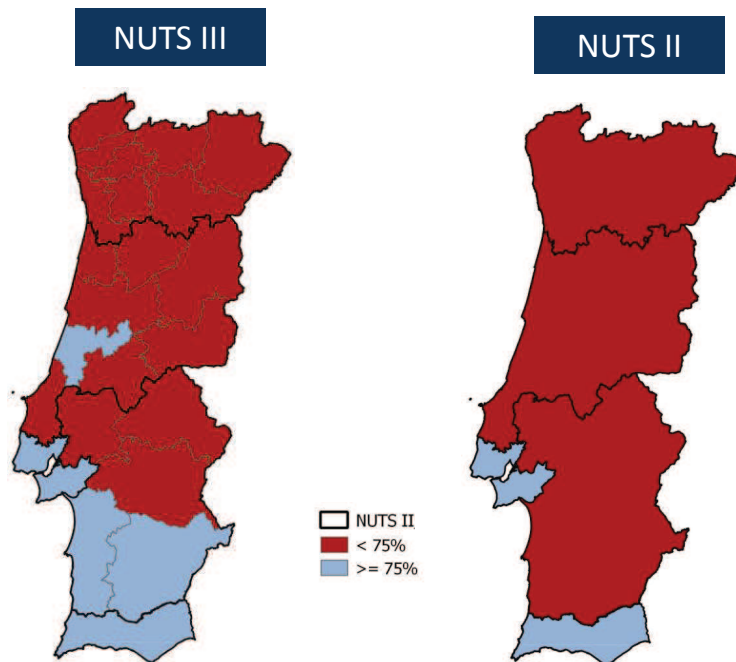
Decomposição da variação real do PIB “per capita” (2000-2015)



PIB “per capita” face à EU 28 – NUTS III da Região do Norte



PIB “per capita”, a p.p.c, face à EU 28 em 2014

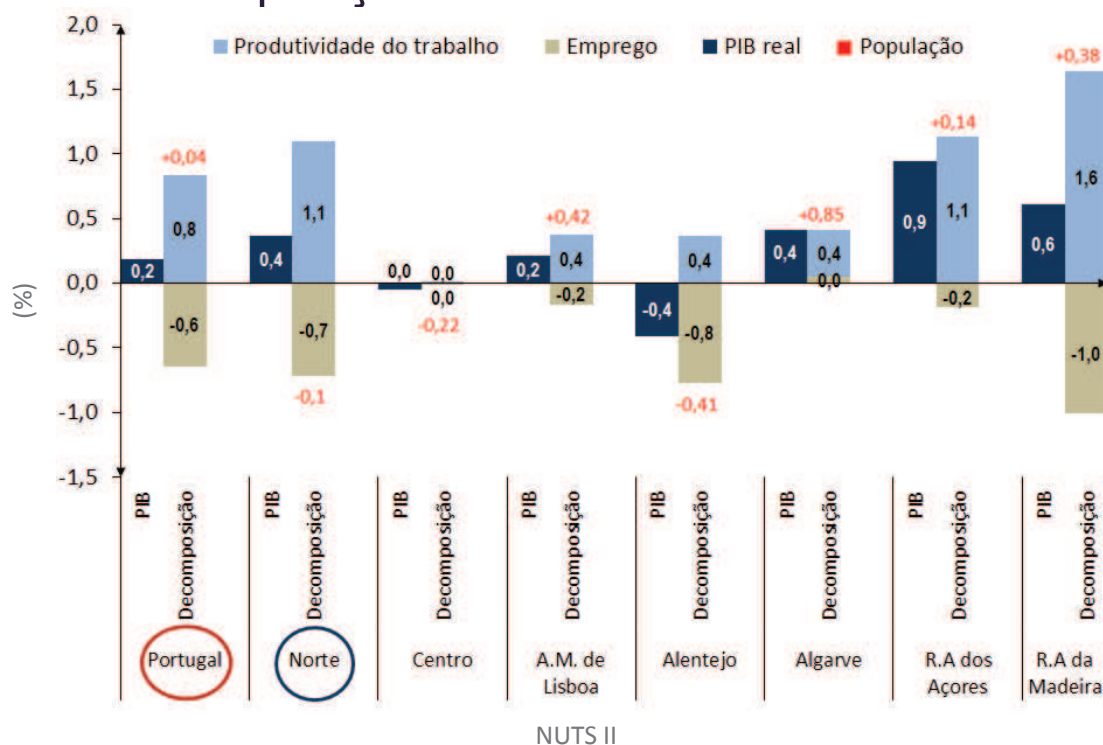


Estrutura da apresentação

1. *Territórios e convergência real no contexto da UE 28*
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. *Convergência nominal no espaço nacional*
4. *Convergência real no espaço nacional*
5. ***Produtividade e emprego no espaço nacional***
6. *Conclusão*

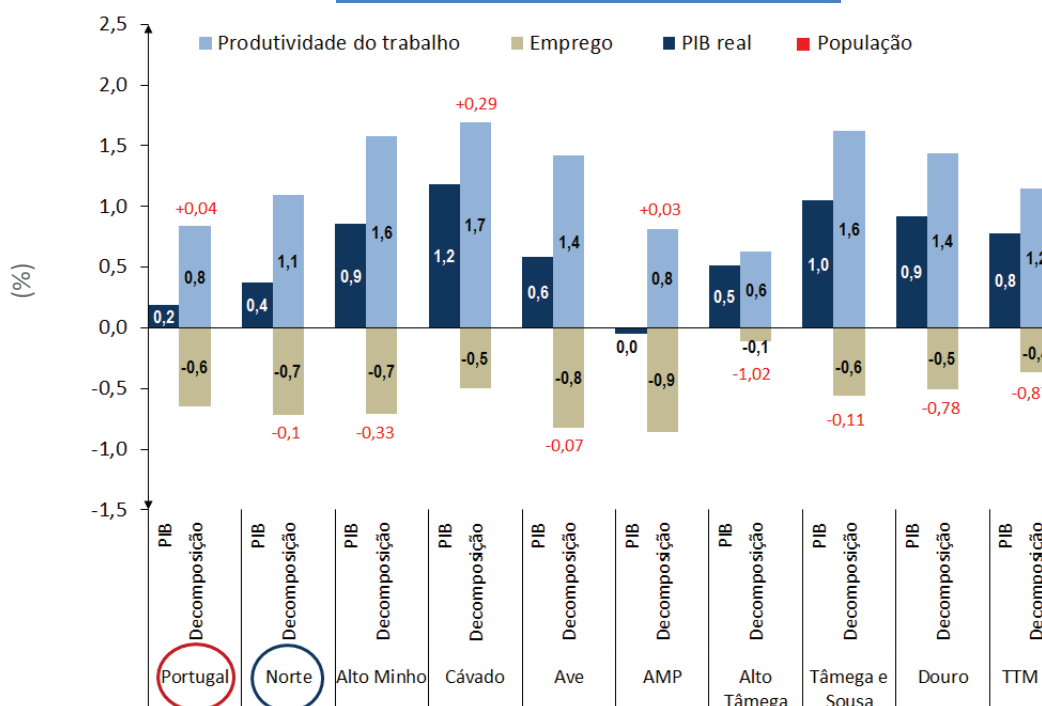


Decomposição do crescimento do PIB – NUTS II



Decomposição do crescimento do PIB – NUTS III Norte

Taxa média anual (2000-2015)





Estrutura da apresentação

1. *Territórios e convergência real no contexto da UE 28*
2. *Crescimento económico no espaço nacional*
3. *Convergência nominal no espaço nacional*
4. *Convergência real no espaço nacional*
5. *Produtividade e emprego no espaço nacional*
6. **Conclusão**



1. *O período em análise (2000-2015) é marcado por dois subperíodos. Há o antes e o depois da crise financeira internacional. Não é o melhor período para se retirarem conclusões sobre o efeito do dinamismo económico de territórios (NUTS II e NUTS III) sobre o crescimento e a convergência real dos países. A relação acaba por ser a inversa, isto é, **o enquadramento macroeconómico dos países e a evolução da sua envolvente é que determinaram de forma significativa o dinamismo dos seus territórios**;*
2. *No entanto, cada país tem uma oferta limitada de recursos que demora a crescer. A concentração das atividades económicas e **a desigualdade territorial do rendimento são também explicadas pela distribuição desses recursos** (força de trabalho, bens de capital). No curto prazo, o crescimento económico, para além das dinâmicas de inovação, do contexto institucional e da produtividade desses recursos, depende desse “stock” naturalmente;*
3. *Mas não importa somente a dimensão do “stock”. **A dimensão qualitativa desse “stock” conta muito**. As regiões apresentam vantagens competitivas e níveis de especialização heterogéneas que não podem ser replicadas noutras regiões, acrescendo o facto de muitos recursos serem endógenos (recursos tendencialmente intransferíveis e inimitáveis). Estas fontes de diferenciação explicam, para além das economias de aglomeração, as diferenças territoriais ao nível do produto e do rendimento;*



4. Algumas regiões aglomeram mais atividades e pessoas em função de uma maior disponibilidade de fornecedores, trabalhadores qualificados, consumidores, bens e serviços diferenciados num espaço que, pela relações económicas e históricas estabelecidas, ganham rendas de aglomeração;
5. Todavia, **as regiões não são ilhas**. Os agentes das diferentes regiões no contexto de um país interagem com efeitos de retroação positiva. O resultado não é de soma nula ou de soma negativa. O resultado é de soma positiva. **A integração económica de diferentes territórios gera “almoços grátis” (externalidades interterritoriais ou “spillovers” na linguagem económica);**
6. Portugal registou um período de estagnação económica face à UE28, entre 2000 e 2015. Apesar do crescimento económico nacional ter sido praticamente nulo, **alcançaram-se ligeiros ganhos de coesão territorial** entre as regiões NUTS II mais pobres, persistindo, no entanto, **uma forte assimetria nacional entre o PIB “per capita” da Área Metropolitana de Lisboa e o das restantes NUTS II de Portugal;**
7. **O contributo para o crescimento económico da Região do Norte ocorreu fora da Área Metropolitana do Porto**, com as NUTS III menos desenvolvidas a apresentarem um dinamismo económico bastante superior ao da média da região NUTS II. No entanto, a convergência destes territórios foi explicada, apenas, pelo crescimento da produtividade do trabalho em detrimento do emprego;



8. Existe a necessidade de **reforçar o papel da Área Metropolitana do Porto na promoção do crescimento económico e da inovação** (economias de aglomeração do tipo “spillover”), na prestação de serviços diferenciados e de apoio ao desenvolvimento industrial nas cidades regionais e estruturantes. **Essa crescente articulação funcional entre a Área Metropolitana do Porto e a sua envolvente industrial é demonstrada pela recomposição sectorial da atividade económica e do emprego nos principais centros urbanos;**
9. Os restantes territórios devem promover as atividades económicas que os diferenciem, incrementando a utilização dos recursos endógenos existentes. **A especialização territorial e a articulação funcional são fundamentais para a consolidação do sistema urbano regional, tornando a Região do Norte como um todo mais competitiva, diversificada e resiliente;**
10. **A coexistência de territórios especializados e diversificados permite promover a resiliência da economia regional, através:** (i) da resistência a choques externos (medida pela amplitude da perda de bem-estar); (ii) da recuperação da trajetória de crescimento (medida pela amplitude de recuperação de bem-estar); (iii) da alteração do perfil de especialização para atividades mais produtivas (medida pela criação de novas atividades intensivas em conhecimento); (iv) **intensificação do papel da especialização inteligente na realização de estratégias de “variedade relacionada”, ou seja, de estratégias que facilitem a mobilidade intersectorial dos recursos, reduzam os riscos de “lock-in”.**

OBRIGADO | THANK YOU

